I CONGRESSO CRIM/UFMG

INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMOS

I61
Interseccionalidade e Feminismos [Recurso eletrônico on-line] I Congresso CRIM/UFMG: UFMG – Belo Horizonte;

Organizadores: Luiza Martins Santos, Mariana Karla de Faria e Raíssa Emmerich Santana - Belo Horizonte: UFMG, 2021.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-5648-362-7
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: Gênero, feminismos e violência.
1. Gênero. 2. Feminismo. 3. Interseccionalidade. I. I Congresso CRIM/UFMG (1:2021: Belo Horizonte, MG).

CDU: 34

I CONGRESSO CRIM/UFMG

INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMOS

Apresentação

O CRIM/UFMG é um Programa de extensão universitária da UFMG sobre violência de gênero, proveniente do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão em Crimes Contra a Mulher criado em 2019 por um grupo de estudantes universitárias da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que perceberam a necessidade de ampliar o espaço de debates, denúncias e enfrentamento da violência de gênero dentro da instituição.

O objetivo do Programa é trazer para o grande público questões relevantes referentes ao combate à violência de gênero de forma didática e acessível, de modo a contribuir em diferentes perspectivas, a partir da atuação estudantil em frentes com Profissionais de Saúde, Educação, Infância e Juventude bem como na abordagem de acolhimento de migrantes e refugiadas. Dessa forma, entende-se a necessidade de se desenvolver atividades – que não se limitem ao espaço acadêmico - por meio da criação grupos de estudos, eventos, campanhas de conscientização sobre o tema, além de ministrar oficinas, cursos e capacitação que abordem os diversos tipos de violências de gênero numa perspectiva de promoção da igualdade de gênero. Nesse sentido, o Programa, a partir de uma construção coletiva, busca romper com a cisão criada em uma sociedade desigual e assim, colocar como sujeitos políticos grupos historicamente marginalizados.

Nessa perspectiva, o I Congresso CRIM / UFMG - Gênero, Feminismos e Violência pretende incentivar o debate sobre os progressos e desafios em relação à temática gênero, considerando a integralidade da vivência do ser mulher em uma sociedade machista, cisgênera, heteronormativa, com claros atravessamentos de classe e raça.

O GT 1 - Interseccionalidade e Feminismos acolheu artigos que se desenvolveram a partir de uma perspectiva interseccional e da compreensão de como as discriminações de gênero se interligam com questões relacionadas à sexualidade, raça e classe. Temas que abordem as questões de gênero articulados com a divisão sexual do trabalho; a reconfiguração das práticas sociais e das relações trabalhistas decorrentes do capitalismo; os diversos processos culturais e identitários formativos relacionados à raça e sexualidade, sob perspectivas interdisciplinares. Foram propostas discussões sobre as diferentes estratégias de lutas por reconhecimento e direitos de movimentos democráticos contemporâneos, a partir de uma fundamentação teórica feminista que busca evidenciar a coexistência de mais de um sistema de opressão em relação às mulheres e outros agentes sociais.

DESIGUALDADE DE GÊNERO: AS DIFERENÇAS SOCIAIS EXISTENTES ENTRE A FIGURA FEMININA E A FIGURA MASCULINA

GENDER INEQUALITY: THE EXISTING SOCIAL DIFFERENCES BETWEEN THE FEMININE AND THE MASCULINE FIGURE

Letícia Oliveira Sousa [1]

Resumo

Esta pesquisa consiste no estudo da desigualdade de gênero, a qual se inicia nos primórdios da vida humana, isto é, durante a primeira infância e, demonstra como essa situação molda uma sociedade marcada pelo racismo, pelo machismo e pelas diversas desproporções, em que ocorre a diferenciação de questões como: salário, status social e o respeito. Ademais, é imprescindível transparecer que o sistema capitalista e a mídia fomentam essa discrepância entre o lado feminino e o lado masculino. Nesse viés, conclui-se preliminarmente que, infelizmente, o hodierno enredo ainda expõe conceitos passados e que estimula casos de violência, assédio e discriminação.

Palavras-chave: Desigualdade de gênero, Infância, Racismo, Machismo, Violência

Abstract/Resumen/Résumé

This research consists in the study of gender inequality, which begins in the beginnings of human life, that is, during early childhood, and demonstrates how this situation shapes a racism, chauvinism and various inequalities, in which it occurs. the differentiation of issues such as: salary, social status and respect. Furthermore, it is essential to show that the capitalist system and the media encourage this discrepancy between the feminine side and the masculine side. In this bias, it is preliminarily concluded that, unfortunately, the current plot still exposes past concepts and that it encourages cases of violence, harassment and discrimination.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Gender inequality, Childhood, Racism, Chauvinism, Violence

---

[1] Graduanda em Direito, modalidade Integral, pela Escola Superior Dom Helder Câmara.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa expõe a desigualdade de gênero no hodierno cenário brasileiro, em que demonstra o questionamento da diferença existente principalmente em relação ao reconhecimento social da mulher. Para abordar essa situação, a filósofa Djamila Ribeiro demonstra no livro "O que é lugar de fala? " que "O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas" (RIBEIRO, 2017). Posto isso, tem-se que existe expoentes diferenças entre o ser feminino e o ser masculino e que, essa diferenciação se inicia desde a infância, podendo ser agravada pela classe ou raça a qual a mulher pertence.

Além disso, é preciso levar em consideração que as crianças desenvolvem ideias e pontos de vista conforme o que foi ensinado e repetido. Nessa abordagem, torna-se evidente que as cores rosa e azul, bem como as brincadeiras de casinha ou de carrinho transparecem essa distinção existente desde os primórdios humanos. Em decorrência dessa separação já propagada na infância, é perceptível que as tarefas e as profissões destinadas a uma mulher ou a um homem se desassemelham e que, na maioria dos casos, as obrigações da casa e da comida se direcionam ao sexo feminino e, em oposição, os cuidados com o carro e com as finanças se direcionam ao sexo masculino.

Para mais, é imprescindível apontar como o racismo, o machismo e o patriarcalismo possuem direta influência na formação da atual sociedade, a qual, infelizmente, evidencia a violência contra a mulher, os numerosos casos de abuso e de discriminação, os comentários e propagandas desrespeitosas e tantas outras situações constrangedoras e que ferem todas as mulheres.

Mediante a isso, esse estudo possui como principal objetivo analisar os motivos dessa diferenciação e discriminação contra aquelas que lutaram e que lutam para atingir a equidade, em todas as situações e perspectivas. Ademais, tem-se como propósito explicitar os contextos mais notórios em que a mulher é colocada como inferior e demonstrar que esse triste cenário decorre de práticas que podem ser estimuladas pela mídia e pelo capitalismo.

A pesquisa que se propõe, na classificação de Gustin, Dias e Nicácio (2020), pertence à vertente metodológica jurídico-social. No tocante ao tipo genérico de pesquisa, foi escolhido o tipo jurídico-projetivo. O raciocínio desenvolvido na pesquisa foi predominantemente dialético e, quanto ao gênero de pesquisa, foi adotada a pesquisa teórica.

3. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

3.1 UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE A SUPREMACIA MASCULINA E A RELAÇÃO COM AS CLASSES E AS RAÇAS

A princípio, o livro "A Cidade Antiga" apresenta como a figura masculina se sobrepunha à figura feminina durante a Antiguidade Romana. Nesse enredo, os homens eram os únicos que poderiam ter contato direto com o fogo doméstico, representação divina dos antepassados, além de a partir do casamento as mulheres terem que se submeter aos deuses do marido e não de sua família de origem. Para mais, se a mulher fosse estéril o casamento poderia ser anulado, em contrapartida, se a esterilidade fosse do homem, ele poderia pedir que seu irmão ou algum parente próximo tivesse relações sexuais com sua esposa, com o objetivo de dar continuidade à família (COULANGES, 2006). Mediante a isso, é exposto apenas alguns casos da inferioridade e da subordinação feminina frente aos homens.

Já no Brasil, é fundamental destacar que durante a colonização, o tema central das relações de gênero era a miscigenação. Nesse contexto, sabe-se que os portugueses mantiveram práticas sexuais com indígenas e africanas, as quais eram vistas como trabalhadoras e como objetos de prazer. Ademais, durante esse período colonial, as mulheres brancas possuíam as vidas restritas à igreja e à casa, em que eram estereotipadas como fracas e sem participação pública. Desse modo, eram treinadas para o processo de casamento e de tolerância das traições dos maridos com as escravas (BARRETO, 2004).

Decorrente desses fatores, Djamilia Ribeiro afirma:

> As mulheres negras são ultrassexualizadas desde o período colonial. No imaginário coletivo brasileiro propaga-se a imagem de que são "lascivas", "fáceis" e "naturalmente sensuais". Essa ideia serve, inclusive, para justificar abusos: mulheres negras são as maiores vítimas de violência sexual do país. Obviamente a questão não é sobre a sensualidade de determinada mulher, mas sim sobre a necessidade de enquadrar mulheres negras nesse estereótipo. É importante refutar a visão colonial, que via os corpos negros como violáveis. (RIBEIRO, 2019, p. 83)

Nesse enredo, torna-se claro que o sistema patriarcal era evidente tanto na Antiguidade Romana quanto no Brasil e em diversos outros contextos. Posto isso, tem-se que sexo masculino mantinha o poder primário e que predominava em funções políticas, controle das propriedades, privilégio social e autoridade moral entre os indivíduos. Dessa maneira, é compreensível que as mulheres - em território brasileiro, principalmente as negras e de renda inferior - sofriam com a discrepância das atividades e dos comportamentos presenciados na sociedade.

Diante do que foi supracitado, lamentavelmente essa situação ainda é observada na contemporaneidade. Isso se deve ao fato de que na mídia, muitas das vezes, é simbolizado a diminuição da mulher, principalmente daquelas de raça diferente da branca e com renda econômica inferior do considerado padrão. Logo, tem-se que as atoras negras são retratadas ou como empregada doméstica ou como sendo "a gostosa" (RIBEIRO, 2019, p.74).

Decorrente disso, a violência contra as mulheres é evidente, pois os homens se sentem dominadores delas. Logo, o Fórum de Segurança noticiou, em 2021, que 18,6% das brasileiras já sofreram ofensa verbal (insulto, humilhação ou xingamento) e que 5,4% dessas passaram por ofensa sexual ou tentativa forçada de manter relação sexual. Dentro desses tristes números, tem-se que a prevalência dessa violência ocorre contra negras, sendo 28,3% pretas e 24,6% pardas. Por fim, é importante destacar o fato de que 46,7% das mulheres que perderam o emprego, durante a pandemia proporcionada pelo Covid-19, foram violentadas (BRASIL, 2021). Assim, é cognoscível que as mulheres negras e com condições financeiras reduzidas são os principais alvos do descontente enredo da suposta supremacia e domínio masculino.

Outrossim, torna-se claro que no ambiente de trabalho as mulheres tendem a ser mais inferiorizadas. Desse modo, o vídeo do canal "Porta dos Fundos, transmitido pelo Youtube, realizou uma crítica quanto a conceitos sobre o feminismo na atualidade. Nesse viés, um dos conceitos foi o "manterrupting", o qual foi utilizado para caracterizar o fato da mulher ser interrompida durante seu esclarecimento ou diálogo; já o "mansplaining" demonstrou a situação em que um homem se sente no direito de explicar algo que ela já havia explicado. Por último, o "gaslighting" foi a definição para os momentos, os quais o sexo masculino diminui psicologicamente o sexo feminina. Em vista disso, essas definições foram retratadas ao representar Martinha, personagem fictícia do vídeo, com dificuldades ao fazer a apresentação desses conceitos do âmbito do conhecimento da mulher para os chefes das empresas, maioria homens, os quais faziam comentários machistas e que cortavam o raciocínio dela.

Em síntese, ao analisar a Antiguidade Romana, o Brasil Colonial e atual sociedade brasileira, percebe-se que, ainda é presente conceitos e práticas enraizadas de preconceitos e de discriminação contra aquelas que lutam, todos os dias, pelo processo de respeito e equidade independentemente do local e da situação que elas vivenciam. Portanto, é necessário excluir esses pensamentos e, cada vez mais, valorizar aquelas figuras que podem ser o que elas quiserem e que podem alcançar tudo que almejarem sem diferença de raça, classe ou sexo.

3.1 A INFLUÊNCIA MIDÍATICA E CAPITALISTA NA DESIGUALDADE DE GÊNERO DURANTE A INFÂNCIA

Inicialmente, é indispensável elucidar que desde a infância, a sociedade capitalista e a influência midiática estão efetivamente presentes na rotina dos indivíduos. Em decorrência disso, é perceptível a expoente influência nos pensamentos dos seres humanos desde os primórdios, em que, pode interferir nos pensamentos, ações e concepções dos personagens que atuarão, efetivamente, no futuro corpo social do país. Perante o exposto, é transparente a existência da diferenciação de cores, profissões e tarefas a partir de brinquedos dados às crianças, fator que fomenta a diferenciação e a desigualdade de gênero.

É nítido que, nos brinquedos infantis, as cores rosa, lilás e roxo são predominantes nas embalagens de brinquedos ditos para meninas, por outro lado, as cores azul, verde, vermelho e preto são predominantemente visualizadas em embalagens direcionadas ao público de meninos. Visto isso, o primeiro demonstra uma imagem feminina de suavidade e feminilidade e, o segundo traz a ideia de masculinidade, pragmatismo e força. Nesse enredo, os brinquedos e as embalagens elucidam o que a sociedade espera de meninas e meninos desde os primeiros anos da infância (SOUZA *et al*, 2021).

Outro ponto relevante é que "Brinquedos como escorredor de louça, conjunto de xícara com pires, talheres, bule, panelas e copos projetam a imagem de menina sorridente para sugerir felicidade no 'brincar livre de casinha'" (SOUZA *et al*, 2021). Assim sendo, além de cuidados com a casa, esses produtos evidenciam o papel materno da mulher, pois apresenta a imagem do bebê com um olhar convidativo e que necessita de cuidados da "mãe". Do lado oposto, os meninos recebem brinquedos como soldados, bombeiros e super-heróis, o que demonstra o destaque no uso da coragem, da garra e da força. Desse modo, "os meninos com esses brinquedos são preparados para assumirem o papel masculino de trabalhador como *chef* de cozinha, bombeiro, soldado militar, motorista de caminhão, construtor e empresários bem-sucedidos; um super-herói no mundo da vida" (SOUZA *et al*, 2021).

Em resumo, é válido destacar que,

> "O discurso publicitário pode ser considerado como parte da cultura da sociedade contemporânea, pois apresenta valores, hierarquias sociais, relações de poder e definições sociais da realidade. Os anúncios vendem estilos de vida, padrões de conduta social, visões de mundo e, é claro, a lógica simbólica do sistema econômico no qual a publicidade se insere". (SKURA; VELHO, 2015).

Assim, torna-se claro a interferência da mídia e do capitalismo, com o objetivo de direcionar meninas e meninos para os seus "devidos papeis e profissões". Logo, a desigualdade

de gênero é estimulada desde a infância dos seres humanos, a qual evidencia a diferenciação a partir dos brinquedos e brincadeiras predominantes para cada gênero, fator fomentador da desproporção entre tarefas e atividades, além de casos como machismo e violência, devido a superioridade dada aos homens.

3.2 A DISCREPÂNCIA DO STATUS SOCIAL NA ATUALIDADE

Primeiramente, é fácil identificar as diferenças e o reconhecimento dado entre um ser feminino e um ser masculino ao se tratar das atuais profissões. Babás, empregadas domésticas, professoras do ensino fundamental são cargos, geralmente, realizados por mulheres. Em contrapartida, bombeiro, policial, astronauta são, na maioria dos casos, destinados a homens. Nesse sentido, é notório que o corpo social mentaliza o direcionamento dos trabalhos considerados mais difíceis e perigosos e, aqueles mais matriarcais, conforme o sexo e a raça, sendo os homens brancos melhores remunerados e com maior poderio social.

Em um vídeo publicado no Facebook, pela página "Quebrando o Tabu", é realizado uma pesquisa, a qual é questionado aos entrevistados a situação: "Pai e filho sofrem um acidente terrível de carro, alguém chama uma ambulância, mas o pai não resiste e morre no local. O filho é socorrido e levado ao hospital às pressas. Ao chegar no hospital a pessoa mais competente do centro cirúrgico vê o menino e diz: não posso operar esse menino, ele é meu filho. Quem disse isso? ". Nesse enredo, a maioria dos entrevistados ficaram confusos e respondiam que os possíveis personagens que estaria atendendo o filho seria Deus, anjos ou o real pai da criança. Posto isso, ficam impressionados que a resposta seja a mãe (TABU, 2017). Nesse enredo, torna-se claro que a população ainda tende a associar cargos com maior status social ou que são melhores remunerados a figuras masculinas.

Outrossim, no futebol brasileiro, é perceptível a discrepância entre uma figura feminina e uma figura masculina, sendo o principal exemplo a Marta Viera e o Neymar Júnior, ambos reconhecidos pela representação do Brasil no esporte, mas que apresentam exponenciais diferenças em relação ao reconhecimento social e financeiro. De acordo com o levantamento realizado pela revista France Football, em abril de 2019, a diferença nos valores salariais alcançava mais de 250 vezes, o que coloca o homem com maiores benefícios e com maior recebimento de atenção dos patrocinadores e do público. Desse modo, um dos destaques nessa discussão é a notória injustiça existente no fato de dois seres humanos que entregam desempenhos similares serem recompensados de maneira tão desproporcional (SALES, 2021).

Diante do exposto acima, o Pequeno Manual Antirracista expõe “É importante ter em mente que para pensar soluções para uma realidade, devemos tirá-la da invisibilidade” (RIBEIRO, 2019, p. 30). Assim, torna-se evidente que é necessária uma mudança de pensamento da coletividade, para que as mulheres possam ser reconhecidas e aplaudidas independente do cargo profissional, da posição social, das condições financeiras, da raça, entre tantos outros fatores que impedem a exaltação dessas.

4. CONCLUSÕES

A partir do exposto, verifica-se que, infelizmente, a desigualdade de gênero ainda é presente em todos os setores da sociedade e que, apresenta visões e preconceitos enraizados de tempos passados. Nesse viés, esse estudo permitiu a compreensão do quanto a figura feminina é inferiorizada frente à figura masculina, a qual seu papel é direcionado, desde a infância dos seres humanos, a tarefas e profissões relacionadas aos cuidados da casa ou a algo matriarcal, enquanto os homens são associados a funções relacionados a poder, força e superioridade social e econômica. Dessa forma, é perceptível que o hodierno corpo social estimula essa diferenciação desde os primórdios de um indivíduo, por meio do sistema capitalista e da mídia.

Outrossim, é de extrema importância transparecer que a raça ou a classe que a mulher pertence influencia diretamente nos maiores números de preconceito e inferioridade, bem como nos casos de violência, sendo essas verbais, físicas ou psicológicas. Esse reconhecimento, proveniente da pesquisa realizada, permite concluir que negras com renda inferior eram vistas como escravas e objetos de prazer e, atualmente, são apresentadas como um personagem humorístico ou como sendo a mais sensual. A partir disso, torna-se evidente que além da discriminação de gênero, essas mulheres sofrem com o preconceito racial e econômico, o que, lamentavelmente, deixa alguns homens com sentimento de dominação sobre essas.

Mediante a esse cenário, conclui-se preliminarmente que a figura feminina foi diminuída na antiguidade de diversos países, como no Brasil Colonial e que essa visão, deploravelmente, ainda é sustentada em pleno século XXI, marcado por avanços sociais e tecnológicos. Desse modo, é imprescindível que esses pensamentos sejam combatidos e que a luta de cada mulher seja exaltada, independente de raça, classe, gênero e qualquer outro fator. Portanto, os aplausos devem ser destinados a todas as mulheres do corpo social mundial, visto que essas almejam e exigem, todos os dias, a equidade em relação aos homens em todos os âmbitos e que, além disso, demonstram a força, a coragem e a condição de realizarem e de serem o que quiserem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Maria do Perpétuo Socorro Leite. Patriarcalismo e o Feminismo: Uma retrospectiva histórica. **Revista Ártemis**, 2004. Disponível em: https://media.proquest.com/media/hms/PFT/1/xmmtG?_s=SVa5pB1hGOFNwpYZpxBH%2BpT8YuY%3D. Acesso em: 07 jul. 2021.

BRASIL. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Datafolha**. Visível e Invisível: A vitimização de mulheres no Brasil. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/infografico-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3-3.pdf. Acesso em: 07 jun. 2021.

GUSTIN, Miracy Barbosa de Sousa; DIAS, Maria Tereza Fonseca; NICÁCIO, Camila Silva. **(Re)pensando a pesquisa jurídica: teoria e prática**. 5ª. ed. São Paulo: Almedina, 2020.

QUEBRANDO o Tabu. **Pai e filho sofrem um acidente terrível de carro, alguém chama uma ambulância mas o pai não resiste e morre no local. O filho é socorrido e levado ao hospital as pressas. Ao chegar no hospital a pessoa mais competente do centro cirúrgico vê o menino e diz: não posso operar esse menino, ele é meu filho." Quem disse isso?**. Facebook, 17 abr. 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?v=1441789589210757. Acesso em: 15 jul. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SALES, Arthur. A eterna comparação entre os salários de Neymar e Marta. **Universidade do Futebol** – 24 jan. 2021. Disponível em: https://universidadedofutebol.com.br/2021/01/21/a-eterna-comparacao-entre-os-salarios-de-neymar-e-marta/. Acesso em: 02 jul. 2021.

SKURA, Ivania; VELHO, Ana Paula Machado. “Criança, a alma do negócio”: reflexões sobre publicidade infantil e ética**. Revista Uninter de Comunicação**, 2015. Disponível em: file:///J:/Fam%C3%ADlia/Downloads/569-Texto%20do%20artigo-1399-1-10-20150807.pdf. Acesso em: 01 jul. 2021.

SOUZA, Rosilene Rodrigues de et al. Para menino ou menina? Representações culturais de gênero nas embalagens de brinquedos. **SciELO – Scientific Electronic Library Online**. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tce/a/XXDTp3MkVtPXwYtZY6htwNL/?lang=pt. Acesso em: 15 jul. 2021.